

KIERKEGAARD: SOBRE PSEUDÔNIMOS E HETERÔNIMOS

Carlos Roger Sales da Ponte¹

Resumo: Este pequeno ensaio tem apenas a intenção de esclarecer *quem* fala pela boca e nos escritos de Kierkegaard, mediante uma breve meditação acerca dos pseudônimos kierkegaardianos, com especial atenção a um deles, *Johannes Clímacus*. Traz para a discussão o quanto este é “autor” é, em larga medida, um *heterônimo*, dado que o uso feito por Kierkegaard deste artifício que não se limitava a deixá-lo no simples anonimato.

Palavras chave: Kierkegaard, Pseudônimos, Heterônimos, Comunicação Indireta, Cristianismo.

Abstract: This short essay is intended to only clarify *who* speaks through the mouth and in the Kierkegaard's writings, through a brief meditation on the kierkegaardian pseudonyms, with special attention to one of them, *Johannes Climacus*. Brings to the discussion is how this "author" is, largely, a heteronomous, since Kierkegaard's use of this device that was not limited to simply it in anonymity.

Keywords: Kierkegaard, Pseudonyms, Heteronyms, Indirect Communication, Christianity.

¹ Psicólogo; Mestre em Filosofia e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Curso de Psicologia da UFC/Campus de Sobral. E-mail: jardimphilo@yahoo.com.br

“O que foi escrito é, pois, **meu**,
mas somente na medida em que me coloco na boca da personalidade poética real,
que produz sua concepção de vida tal como se percebe pelas réplicas,
pois minha relação com a obra é ainda mais exterior
que aquela do poeta que cria personagens e, no entanto,
é ele mesmo o autor do prefácio. Sou, com efeito, impessoal ou pessoalmente um
assoprador na terceira pessoa, que poeticamente criou autores, os quais são os autores de
seus prefácios e mesmo de seus nomes.
Não há, pois, nos livros de pseudônimos uma só palavra que seja minha”.²
Kierkegaard

Quando nos detemos nos pseudônimos kierkegaardianos, o que pode vir à mente, apenas por simples analogia, são os antigos filósofos ditos *pré-socráticos*. Por outro lado, também pode parecer, no mínimo, estranho esta analogia se tivermos em conta a distância de séculos que separa o pensador danês daqueles filósofos helênicos. E é realmente grande! Esta lembrança não se refere a uma suposta doutrina ou pontos de vista dos antigos pensadores que estariam presentes no pensamento de Kierkegaard, *mas a pouca ou nenhuma informação biográfica daqueles filósofos*: há momentos em que eles parecem quase fictícios ou mesmo míticos. Esta idealização imaginativa permite-se alçar voo, bem como a reflexão dialógica no que toca aos pseudônimos: Kierkegaard nem sempre se preocupou em traçar biografias (com exceção de um deles, como será visto) para estas “personas” literárias criadas para fins da comunicação indireta, como estratégia para chegar à cristandade danesa de sua época. Afinal, precisava usar de uma linguagem que todos pudessem entender; uma linguagem para cada um dialogar consigo mediante a fala daqueles “autores”. Por usar de uma linguagem literária, bem ao gosto romântico de seu tempo e também por gosto pessoal, Kierkegaard insiste em transmitir uma paixão: a paixão de existir e de como existir é doloroso em razão da distância insuperável entre Deus e o humano. Os pseudônimos funcionam como *modelos*, digamos, e como *educadores* a fim de expor o apelo do humano em relação ao divino, buscando uma suposta completude. Mesmo sabendo da tarefa ingrata, pois não há resolução possível, esta busca é

² Kierkegaard, *Post-scriptum – Uma primeira e última explicação*. In: *Textos Seleccionados*, p.47. Os negritos são meus.

propriamente humana e aí permanece, não atingindo nunca o ser de Deus. Filosofia ou não, Kierkegaard, sustenta-se, não é a personagem principal em seus escritos, *mas suas personas*.

Ricoeur (1996, p.35) afirma que, se é difícil enxergar filosofia num autor religioso como Kierkegaard, que se mantém como ele mesmo diz “fora da filosofia”, bem diferente são seus pseudônimos, os quais, além de cumprir a função de anonimato, são autores eminentemente filosóficos. Poderíamos mesmo perguntar se ele, Kierkegaard, apresentou, pessoalmente falando, em algum momento, as tantas características que seus pseudônimos exibem e que propõe aos seus possíveis leitores o mesmo proceder. Isso não é claro e a margem deixada pelo próprio Kierkegaard sobre isso é obscura. Ele poderia tanto ter vivido os *estádios*, ainda que pouco, ou tudo não passaria de uma imensa *ficção poética*, para usar uma expressão de Kierkegaard, “comunicando indiretamente”. Talvez indireta até para si mesmo.

Contudo, para falar mais da função pseudonímica, recorre-se aqui às *Migalhas Filosóficas*, obra kierkegaardiana que auxiliará este percurso.

Escrita em 1844, *Migalhas* foi tecida simultaneamente ao *Conceito de Angústia*. Pode-se notar o vigor de Kierkegaard em realizar um intento que não é comum de se ver em outros escritores, mais ainda pelo fato facilmente verificável de que uma e outra obra conseguem exibir estilos e temáticas diferenciadas, o que implica uma certa independência entre elas, permitindo a quem tenha contato com as mesmas perceber que pode adentrar em uma delas sem a necessidade de ler a outra. Entretanto, também é verdade que esta recomendação é para o leitor desavisado, pois aquelas obras comportam uma irmandade bem íntima, embora não explícita. Não foi à toa que Kierkegaard escreveu-as em conjunto. Na verdade, segundo Valls (1995), elas são irmãs gêmeas (mas não gêmeas idênticas, é interessante mencionar) pois seus questionamentos principais são a *história* e a *liberdade* encaradas pelo ponto de vista cristão, mais precisamente através dos temas do *pecado* e da *graça*. Bem ao gosto hegeliano (e da sua mordaz ironia, além, e sem faltar ao respeito com o filósofo danês, de seu *humor diabólico*) Kierkegaard vai falar de *sínteses* e possíveis *mediações*.

Na obra *Migalhas*, assinada por *Johannes Clímacus*, falar-se-á do *instante* como síntese de temporalidade e eternidade. Já na obra assinada por *Vigilius Haufniensis*, o *Conceito de Angústia*, falar-se-á de *espírito* como síntese de corpo e alma. Todavia, ambas

as obras concluem pela *não-síntese* e pela *mediação impossível* entre os termos em questão já que é na perspectiva do Cristianismo onde Kierkegaard está sempre postado e é dele e para ele que sempre está a falar. Enquanto Hegel o vê o Cristianismo como um momento da racionalidade, síntese entre finito e infinito, Kierkegaard assume-o como uma religião na qual o *paradoxo* e o *absurdo* estão presentes de modo inextricável. São-lhe necessárias estas características sob pena de ser qualquer outra coisa, menos Cristianismo. Existe *oposição inconciliável* entre infinito e finito; “sínteses” que não sintetizam nada e apontam, ainda de acordo com Kierkegaard, para a insuficiência da razão raciocinante já que esta não se mostra capaz de compreender tais “obscuridades”.

Pretender pensar a existência do ponto de vista do Universal, ao modo *sub specie aeternitatis*, como fazia o hegelianismo, acaba por não vislumbrá-la enquanto existência em si mesma, como se fosse desprovida de seu devir concreto. Sob este aspecto de “universalidade” não há espaço para o *Indivíduo* kierkegaardiano (categoria central da filosofia do pensador danês), já que ele seria apenas um dos múltiplos aspectos possíveis do ser; momento no devir do Espírito.

Entretanto, a existência, embora possa ser encarada de uma perspectiva racional, meditada, não pode ser abarcada racionalmente em sua totalidade. Para usar outro termo de Kierkegaard, a existência tem o seu *quê de paixão*; é uma *existência apaixonada*. Se existir é *ek-sistere*, um eterno *emergir*, um *ir para fora*, algo de processual, que está a caminho, seu sentido nunca estará dado, implicando, por parte do existente humano, *escolha* e *decisão*. Ainda segundo Kierkegaard, estas decisões e escolhas se mostram para o humano, dentro do Cristianismo, como opções inconciliáveis. Nas *Migalhas* ele irá dizer que um pensador sem paradoxo é um *tipo medíocre* como um *amante sem paixão* (KIERKEGAARD, 1995, p.61). É por isso que a existência é uma *absurdidade* vivida e permeada pela tragicidade e pelo paradoxo. A verdade autêntica é a verdade vivida subjetivamente, a qual exige do humano uma decisão apaixonada. Tal paixão arrebatadora é a própria *fé* que é como uma espécie de “incerteza objetiva”. Assim, a existência verdadeiramente vivida e pensada/dita é uma decisão apaixonada, bem entendido, pela verdade incerta do salto da fé.

Estas assertivas acerca do conteúdo das *Migalhas* serviram para colocar os termos do “autor” que as sustenta, *Johannes Clímacus*.

Na tradução brasileira dos *Dois Discursos Edificantes de 1843* realizada por Henri Levinspuhl, este transcreve o que parece ser uma pequena parte dos *Papirer*, o *Diário* de Kierkegaard, datado de 1850 onde ele (Kierkegaard) diz que sua posição, desde que se lançou na empreitada de chamar seus conterrâneos para a verdade do Cristianismo, nunca foi a de se achar *melhor cristão que qualquer outro* e nunca condenar ninguém por não sê-lo. Kierkegaard até se diz o quão imperfeito ainda é nesta matéria tão difícil que é o Cristianismo e indica a necessidade de decidir se é ou não um cristão. (KIERKEGAARD, 2001, p.6s)

Não, ele não condena ninguém. E para dar sustento ao seu argumento de nunca ter apontado um dedo acusativo na face de outrem, invoca como testemunho os autores (pseudônimos) *Johannes Clímacus* e *Johannes Anticlímacus*. Este último, exatamente o oposto do primeiro que não se considera cristão, é um autor eminentemente cristão em alto grau e que “redigira” a *Doença Mortal* de 1849 (conhecida no Brasil sob o título pouco feliz de *Desespero Humano*) e a *Escola do Cristianismo* de 1850. Temos aqui dois “autores” que mostram o afeto de Kierkegaard distribuído, mais especificamente, ao primeiro (Clímacus), a partir do qual realizou muito de sua obra como escritor. Em verdade, *Clímacus é o único heterônimo de Kierkegaard*. Dizemos isso com base no fato de que ele dedicou uma atenção especial a este “autor” como a nenhum outro. Os “outros” eram, com propriedade, apenas *pseudônimos*.

Mas seria algo justificável falar de um heterônimo kierkegaardiano?

Sobre Clímacus, Kierkegaard se dedicou a escrever-lhe uma biografia própria, descrevendo-o como um autor com um estilo bem característico e uma psicologia particular. Kierkegaard o descreveu em 1842 em seus *Papirer*, e que foram descobertos somente após sua morte. Tal escrito, publicado em separado, recebeu o nome de *Johannes Clímacus, eller De Omnibus Dubitandum Est. (Johannes Clímacus, ou É preciso duvidar de tudo)*. Este trabalho, eminentemente filosófico, é visto, segundo informa Lafarge (2003, p.XXI), por estudiosos daneses como um escrito de caráter biográfico a respeito do próprio Kierkegaard. Um “romance autobiográfico”, como é nomeado. Neste escrito, Clímacus conta sua infância, sua juventude sob o domínio do pai que o fez exercitar-se ao máximo em sua capacidade imaginativa e reflexiva próprias ao trabalho filosófico, e como tomou contato com a filosofia pretendendo tornar-se um dos renomados “filosofantes” (o termo é de Kierkegaard) de então. Para tanto, e como estes recomendavam, começou por duvidar

de tudo, ou, pelo menos, tentou. Neste escrito, Kierkegaard descreve o árduo trabalho analítico de Clímacus em não deixar pedra sobre pedra no que se refere ao sentido das proposições sobre a dúvida e o seu acesso à filosofia por este duvidar. Explorou Descartes e Hegel com propriedade e conclui que a dúvida total e irrestrita é uma loucura e uma impossibilidade que os filósofos imputam aos outros, tais como aqueles fariseus que, expostos à crítica feroz de Cristo, colocavam fardos por demais pesados às pessoas sem os colocarem a si mesmos. Infelizmente, Kierkegaard não terminou este escrito, mas deixou projetos, anotações em seus *Papirer* para um futuro desenvolvimento e acabamento que não aconteceram. De todo modo, Clímacus é o autor mais usado por Kierkegaard na extensão de sua obra.

Lafarge (2003, p.XVIs) mostra mui claramente este apreço de Kierkegaard pelo heterônimo, a começar pelo nome, o qual é uma tradução latinizada do nome de um monge grego que vivera no monte Sinai por volta do século VI. Este monge empreendia longa meditação sobre o sonho de Jacó (GEN 28, 10-15), onde ele vislumbra uma escada que subia ao céu em direção de Deus. Sobre esta passagem bíblica escreve uma obra que se chamou *A escada do paraíso* ou *A escada espiritual*. O nome da obra lhe valeu o nome *Clímax: escada*, em grego. O subtítulo *De Omnibus Dubitandum Est* é uma referência direta a Descartes bem no início de seu *Princípios de Filosofia*. Logo, e como já foi dito, este escrito quer golpear tanto Hegel quanto Descartes.

Mas afinal, quem é o Clímacus de Kierkegaard? Ou, como Kierkegaard *se mostra* por Clímacus neste “romance autobiográfico”? E como seria este mostrar-se nas *Migalhas*?

Clímacus, como se pode deduzir da leitura do pequeno “romance”, faz justiça a origem de seu nome: vindo de um eremita, ele mesmo agia como tal, “retirado e em silêncio” (KIERKEGAARD 2003, p.05), em meio a sociedade, e ficava a meditar dia e noite, já que o pensar, ou melhor, “o murmúrio secreto dos pensamentos” (KIERKEGAARD 2003, p.07) era-lhe mais interessante do que as idas e vindas das pessoas. Sua paixão, seu enamoramento era pelo pensar (KIERKEGAARD 2003, p.06).

Esse pensador de modo algum se diz à altura de tantos outros filósofos de seu tempo, mas não compreende como eles fizeram *o movimento* que os levou a duvidarem de tudo com êxito e, com isso adentaram na filosofia, já que a pré-condição tinha sido a dúvida. Importando a Clímacus mais este *movimento* do que propriamente os resultados, ele conclui que os filosofantes não explicitam seus percursos intelectuais, ao ponto de

esclarecerem como chegaram àquilo que tanto pregam como filosofia, criando assim um saber “sistemizado”, rígido. Bastando uma decisão firme de espírito para ir em frente, julgava que poderia concluir o intento de elucidar os percursos possíveis dos filosofantes (KIERKEGAARD 2003, p.19s).

Aqui é possível entrever uma certa dose de orgulho na pessoa de Kierkegaard: se é possível tirar conclusões, deve-se mostrar como se chegou a elas; logo, tudo isso seria possível de ser pensado e praticado. No “romance”, Clímacus é apenas um mero iniciador de si mesmo que tenta filosofar, mas acaba por se dar conta de que esta tarefa é por demais difícil ou ingrata. Sua “analítica conceitual” interrompe-se quando ele começa a tentar definir o que é a dúvida em si mesma, adentrando na problemática da verdade e da não-verdade, o que acontecerá com mais vigor e mais demoradamente nas *Migalhas* e no *Post-scriptum*.

Assim como *Johannes*, nome usado por Kierkegaard para outros pseudônimos, é o nome latino para *João*, aquele discípulo que Jesus mais amava (JO 13, 23; além de ser também uma tradução do nome italiano *Giovanni*, que é o protagonista da famosa ópera de Mozart que Kierkegaard tanto adorava), Kierkegaard quer apresentar um discípulo da verdade na figura de um amoroso pensador que deverá mergulhar nos paradoxos do Cristianismo – já que um pensador tem de ter um paradoxo para se arrogar pensador – e apresentá-lo como um projeto alternativo em relação ao socratismo de sua época que se revestia com o filosofia hegeliana. E deverá fazê-lo só, como um eremita, uma vez que estes caminhos devem ser trilhados na solidão da escolha do humano que prossegue com a ajuda de Deus, no entender de Kierkegaard. Não há necessidade de “sistemas”, apenas relacionar o existir com o Cristianismo.

Clímacus, sem sombra de dúvida, foi o heterônimo preferido de Kierkegaard. Isso tanto é verdade, que além de ser o autor das *Philosophiske Smuler eller Smule Philosophi* (*Migalhas Filosóficas, ou um bocadinho de filosofia*) e do *Post-scriptum final não-científico às Migalhas Filosóficas*, Kierkegaard criou, o já mencionado, Johannes Anticlímacus. Contam-se aí quatro obras de peso e de grande importância na compreensão do projeto kierkegaardiano. Lafarge (2003, p.XXII) lembra que no ano de 1850, Kierkegaard, referindo-se ao nome *Anticlímacus*, indica um “termo”, um fim dos pseudônimos. Lafarge nos informa que “a obra chega ao seu final, mesmo que belos textos religiosos ainda estejam para ser publicados, assim como os últimos escritos polêmicos de

1854-1855”. Ainda aqui, cabe um pequeno dado interessante do ponto de vista biográfico, o qual pode dar o que pensar para psicólogos e psicanalistas: é o fato do *Post-scriptum* ter sido publicado em 1846 e Kierkegaard contava, então, com 33 anos. Segundo Harbsmeier (1993, p.205), Kierkegaard tinha certeza de que viveria até a idade que Cristo morreu. Daí talvez se justifique a palavra ‘*final*’, a qual figura no título da obra. É claro, o falecimento tão almejado não sucedeu. Imagine-se o quão Kierkegaard talvez tenha ficado decepcionado. Sua morte só se deu, como se sabe, em 1855, aos 42 anos.

Kierkegaard foi, a seu modo, um artista. Um poeta. Ele nos fala de um modo que remete àquela espécie de saber que tende a preencher as necessidades humanas mais prementes: o sentido existencial e, mesmo, religioso. Fala da finitude ontológica. Embora adentrando o nível do conceito, Kierkegaard não sai de todo do campo da *palavra*, do acontecer do fenômeno, estranho e desafiador. Tal atitude é bastante notória nos artistas que nos transmitem, ou tentam transmitir sua experienciamento do mundo, transmutando-a em sentido possível. Enfim, possibilitando um aparecer da verdade³.

Segundo Gadamer (2000, p.20), a arte traz sempre de novo “à experiência, a questão fundamental do ser humano [...]. Uma obra de arte é como um modelo. Ele é, por assim dizer, irrefutável”. Amparado por estas palavras, o percurso conceitual kierkegaardiano não é um discurso objetivador e sistemático – ponto de vista com o qual não se identificava – , mas sim um expor e um expor-se num lirismo poético onde quase todas as suas personagens são poetas. Filósofos também. Mas, sobretudo, poetas. Isto mostra as reservas de Kierkegaard (1986, p.50s) em não poder dar explicações exaustivas sobre si, deixando a cargo daquele que, ao se deparar com algum escrito seu, possa perceber *o fenômeno* ali diante de si, mas escondido nas incertezas do devir humano marcado ontologicamente pela procura, pela tarefa sempre recomeçada de procurar um sentido. Em Kierkegaard, *o fenômeno* se diz deste modo, e esta evidência basta por si mesma. Provavelmente inspirado por Platão⁴ para não pôr a perder o projeto de crítica à cristandade, Kierkegaard escolheu por não aparecer, preferindo recorrer à *mistificação*, à *pantomima* “de modo a fazer aparecer o cômico” e onde ele mesmo, aí, “não se reconheça”.

³ Kierkegaard recomenda claramente, no início do *Conceito de Ironia*, que o filósofo observe bem o fenômeno, pondo-se na condição de um *erótico apaixonado* que nada deixa escapar, para conduzi-lo, no amor a esse fenômeno, à abertura da verdade em forma de conceito. (KIERKEGAARD, 1991, p.23)

⁴ Não esquecer que Platão não aparece nos seus *Diálogos*, embora esteja presente por trás da personagem Sócrates e das outras personagens, mesmo nos títulos de alguns *Diálogos* em que optou por dar nomes.

Não esqueçamos também que o próprio Kierkegaard diz que uma parte de sua obra tem *caráter estético*, ou é uma *produção estética*, como ele nomeia. No *Ponto de Vista* (1986, p.37-49), ele justifica esta parte de sua obra muito mais do que os outros escritos que ele chama de “religiosos”. São assim designados, pois sua serventia tinha a ver com a comunicação indireta contra a cristandade, conforme já falado. Isso só não poderia ser aplicado, propriamente falando, ao pseudônimo *Johannes Anticlímacus*. Tal fato se deve de que o *Ponto de Vista* é uma obra, embora póstuma, escrita em 1848; logo, antes do feitiço da *Doença Mortal* e da *Escola do Cristianismo*. Estas não são obras estéticas, mas *religiosas*.

É um grande *Vaudeville*! A *comicidade* de Kierkegaard contrabalança a *tragicidade* do existir. A maestria poética é impulsionadora do diálogo. Uma opereta existencial bem ao estilo de Mozart, que ele, Kierkegaard, tanto gostava.

Clímacus vive como um eremita a tentar vislumbrar o *instante decisivo* onde o paradoxo se dá e onde o eterno é visto em forma humana, o deus⁵. É o esforço da subida pela escada de Jacó. Subida difícil, embora suba. Desavenças e reconciliações certamente fazem parte do rol de acontecimentos que se imbricam nesta relação do humano com o deus. Mas isso pouco importa. Importa mais que se comuniquem ou façam comunicar o instante decisivo desses paradoxos. Não deixa de ser uma espécie de disputa bem ao estilo árabe: parece que a qualquer momento os pares da disputa vão partir para violência física, mas estão só negociando, regateando até que se chegue a um acordo. Mas aqui parece não haver acordo possível. E Deus permanece calado...

⁵ A expressão ‘o deus’ é largamente usada por Clímacus nas *Migalhas*. Assim faziam os antigos helenos para se referirem à divindade. Valls (2002, p.36), esclarece que “o deus é um absoluto, mas pensado à maneira grega, não é a última palavra de Clímacus sobre o assunto.”

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. 121^a ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998.

GADAMER, H.-G. *Da palavra ao conceito: a tarefa da hermenêutica enquanto filosofia*. In: ALMEIDA, C.L.S.; FLICKINGER, H.-G.; ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

HARBSMEIER, Eberhard. *Kierkegaard. Pessoa e Obra – Biografia e Filosofia*. In: Educação e Filosofia. Revista dos Departamentos de Filosofia, Fundamentos da Educação e Princípios e Organização da Prática Pedagógica da Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais: vol. 7; n. 13; Jan./Jun., 1993.

KIERKEGAARD, S. *Textos selecionados*. Seleção e tradução por Ernani Reichmann. Curitiba: Editora Universidade Federal do Pará, 1986.

_____. *Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor*. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. *O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Migalhas filosóficas, ou, um bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Dois discursos edificantes de 1843*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Fábrica de livros, 2001.

_____. *Johannes Clímacus ou É preciso duvidar de tudo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LAFARGE, J. *Prefácio*. In: KIERKEGAARD, S. *Johannes Clímacus ou É preciso duvidar de tudo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RICOUER, P. *Filosofar após Kierkegaard*. In: *Leituras 2: a região dos filósofos*. São Paulo: Loyola, 1996.

VALLS, Á.L.M. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. *Kierkegaard: o fato absoluto*. In: OLIVEIRA, M.; ALMEIDA, C. (Orgs.). *O Deus dos filósofos modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Apresentação*. In: KIERKEGAARD, S. *Migalhas filosóficas, ou, um bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Petrópolis: Vozes, 1995.